

A SAGA DAS “VIDAS NUAS” EM O MUNDO À SOLTA, DE FELIPE FORTUNA: UM ESTADO DE EXCEÇÃO PERMANENTE

THE SAGA OF “VIDAS NUAS” EM O MUNDO À SOLTA BY FELIPE FORTUNA: A PERMANENT STATE OF EXCEPTION

Luzimara de Souza Cordeiro¹

Elizabeth Gerlânia Caron Sandrini²

RESUMO: O propósito deste trabalho é empreender a análise de alguns poemas de *O mundo à solta*, de Felipe Fortuna, evidenciando reflexões sociais neles implicadas, por meio da saga das “vidas nuas” (AGAMBEM, 2010), aquelas que vivem em estado de exceção permanente. Uma situação de indivíduos em constante *status* de exclusão, que sobrevivem na fronteira entre o humano e o não-humano, e têm as suas existências suspensas de direitos fundamentais. Assim, a abordagem de três poemas – “A fome fica”, “Morrer na rua” e “Os meus respeitos” – evidenciará a realidade de muitos oprimidos, de cidadãos que vivem em constante abandono, à margem do *socius*. Para tanto, os ensinamentos do filósofo italiano Giorgio Agamben (2010), sobre o *homo sacer*, o poder soberano e a vida nua, serão entrelaçados aos versos do poeta carioca para fundamentação teórica do texto.

Palavras-chave: vidas nuas; estado de exceção; Felipe Fortuna; *O mundo à solta*.

ABSTRACT: This paper aims to analyse some poems from “*O mundo à solta*”, by Felipe Fortuna, highlighting social thoughts involved in them, through the saga of “vidas nuas” (AGAMBEM, 2010), those who live in a state of permanent exception. A condition of people in permanent status of exclusion, who live in the borders between the human and not-human condition, and who have their beings excluded from fundamental rights. Thus, working with three poems – “A fome fica”, “Morrer na rua” and “Os meus respeitos” – we will show the reality of many oppressed ones, citizens who live in daily neglecting, beyond the borders of *socius*. For that, teachings of Italian philosopher Giorgio Agamben (2010) about *homo sacer*, sovereign power and naked life will be connected to the verses by the carioca poet for the text’s theoretical background.

Keywords: vidas nuas; state of emergency; Felipe Fortuna; *O mundo à solta*.

- 1 Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é servidora pública federal, atuando como coordenadora dos cursos de pós-graduação do IFES. E-mail: luzimaracordeiro@gmail.com
- 2 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente, Diretora de Ensino do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES/Campus Colatina). E-mail: elizabethcaron@yahoo.com.br

O POETA E SUA LÍRICA

A lírica de Felipe Fortuna estreou na segunda metade do século XX, em 1986, com a publicação de *Ou vice-versa* e, desde então, sua produção literária vem florescendo bastante. O escritor, no trânsito do século passado a este, lançou diversos livros de poesia, crítica literária, ensaio, memorialística, literatura infantil e, inclusive, volumes de tradução.

Como poeta, o crescimento de Fortuna é visível. Ele recebeu avaliações positivas desde o lançamento de *Ou vice-versa*, quando Félix de Athayde afirmou: “O livro é um precipício para o alto: porque todo bom poeta constrói precipícios. Do alto de muitos poemas de Felipe Fortuna, o leitor cai, esborracha-se, descobrindo que é apenas um homem entre tantas coisas: um ladrão que ‘encontra o roubo já pronto’” (ATHAYDE, 1987, [s.p.]).

Dos “precipícios” (livro de poemas) construídos por Felipe Fortuna, o escolhido por nós, para ser o *corpus* deste trabalho, foi *O mundo à solta*, vindo a lume no ano de 2014. Essa obra nos revela o estilo poético de Fortuna. O escritor carioca é sagaz, pois colhe a matéria viva de seu ofício de diplomata, registrando os acontecimentos do mundo por meio de uma linguagem poética com marcas *referenciais*. Dentro desse aspecto, enfatiza não a prevalência de uma lírica voltada apenas para a perícia técnica do verso (que possui), mas também, como assinalou Silviano Santiago no prefácio de *O mundo à solta*, uma realização capaz de “[...] guardar na memória poética os processos em aberto do século XXI” (in FORTUNA, 2014, s/p) – processos que, por certo, são amplos: coletivos, sociais, civilizacionais.

Tais processos apontam para uma característica associada ao autor e à literatura moderna: o fato de ser ele um poeta urbano, em uma tradição que remonta ao Baudelaire de *As flores do mal*, célebre cantor de Paris: “Fourmillantcité, “Fourmillantecité, ci-tépleine de rêves, / Oûlespectreenpleinjourraccrochele passant!”³. Sendo assim, a arte poética de Fortuna é ferramenta indispensável para o processo de “queda” do leitor atento, cuja subjetividade, inserida na realidade social, encontra-se com o precipício poético de *O mundo à solta*, que provoca a queda da alienação e da acomodação dos homens atuais.

O leitor, esse ladrão e também passante, em meio à “cidade a fervilhar”, encontra-se com a literatura que “[...] em lugar de excluir as experiências vividas, [...] faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e permite melhor compreendê-las [...]” (TODOROV, 2009, p. 23-24). Fortuna amplia o universo do interlocutor de sua obra, incitando-o a imaginar outras formas de concebê-lo e organizá-lo, ao revelar uma maneira mais dilatada de se enxergar o mundo.

O autor carioca, assim, nos brinda com uma arte viva, nova. Contudo, não nos confundamos, “O Novo não é uma moda, é um valor [...]” (BARTHES, 1987, p. 53). Não estamos, dessa forma, discutindo modismos, mas a preocupação de um escritor que produz poesia com outros interesses, para além dela mesma. Caso contrário, seu fazer poético seria oco, “beletrista”. Fortuna, assim, tem como preocupação principal o que Eliot

3 Na tradução de Ivan Junqueira: “Cidade a fervilhar, cheia de sonhos, onde / O espectro, em pleno dia, agarra-se ao passante!” (BAUDELAIRE, 1985, p. 330-331).

evidência em sua obra *De poesia e poetas*, quer seja, a transmutação de sua experiência e de seu pensamento em um fazer poético relevante, que esteja imerso nos problemas do seu tempo (ELIOT, 1991, p. 158). *O mundo à solta* está imergido na contrariedade, na diversidade do hodierno. Vejamos...

O MUNDO À SOLTA

O sexto livro de versos de Fortuna, *O mundo à solta*, compila uma série de poemas de caráter bastante social. Os poemas estão organizados em três seções: “Sobrecarregado”, “Idas & voltas a Londres” e “Os outros assuntos”. Conforme o título da primeira parte revela, os poemas ali inseridos explicitarão questões inerentes à vigilância eletrônica, às armas químicas, ao comércio de armamentos, ao racismo, aos drones, ao terrorismo, ao combate à fome, ao tráfico humano, ao Guantánamo. Na segunda e terceira parte, o rememorar dos espaços habitados pelo poeta e o perene nomadismo de sua vida se dão a ver.

Por tudo isso, obra revela a sensibilidade política e poética do diplomata em um mundo que está à beira do descontrole completo, mesmo em um tempo que vive sob a égide (ou tão só o desejo) da sociedade do controle. Contudo, boa parte desse controle social mais civilizado foi perdida. Não sem motivo, mas pelo fato de os problemas estarem “à solta” pelo planeta, como nos afirma Silvano Santiago, ao apresentar o livro:

À mesa da poesia, Felipe Fortuna recebe o mundo aberto e faminto, no meio da carnificina humana e do desatino cósmico. “*O mundo se vasculha me vasculha. / Não exagero.*” Atacado, o hospedeiro contra-ataca. Felipe clica de repente e sucessivamente o mundo à solta, como se fosse a lente Panoscan que permite aos peritos da NYPD captar imagens em 360 graus das cenas de crime (SANTIAGO, s/d, s/p).

Esse mundo entregue à sorte do destino é denunciado por um autor que sempre teve a dimensão política presente em sua vida. Em *O mundo à solta*, Fortuna elabora poesia não engajada (em um sentido mais comum, mais “demagógico” do termo, com o qual implica), mas decididamente social (ou seja, mergulhada na problemática da globalização). Em turbulência, o planeta se transformou na temática central do artista, tal como, muitas décadas antes, a Espanha se tornara um dos assuntos fundamentais do também poeta diplomata (igualmente sem polidez hipócrita na língua) João Cabral de Melo Neto.

Logo, *O mundo à solta* é um livro que aborda a situação do planeta, constituído de textos que, conforme afirma o poeta, “[...] refletem mais o meu espanto diante de um mundo que nos atropela” (FRANCISCO, 2014, p. 8). Desse modo, o volume em causa trata, em seus versos de cunho político, dos problemas vinculados ao mundo todo, vistos pelo olhar de alguém perplexo com a violência do (no) planeta.

Para além de efeitos estéticos evidentes – ritmo, sonoridade, aspecto gráfico e visual –, Fortuna efetua em sua lírica uma comunicação ético-política. Isto se dá pelo fato de que ele não se prende à tônica da palavra de ordem maniqueísta, ou seja, “[...] não existem personagens ou governantes políticos a serem alçados ao poder ou a serem destruídos” (FRANCISCO, 2014, p. 8). Segundo Fortuna, os seus poemas possuem um tom de impessoalidade, isto é, uma “projeção globalizada” (FRANCISCO, 2014, p. 8).

A fim de evidenciar tal afirmação, focaremos em três composições de Fortuna – “A fome fica”, “Morrer na rua” e “Os meus respeitos” –, sendo que o nosso olhar se voltará para a saga das “vidas nuas”, que vivem em estado de exceção permanente. Com esse intuito, os ensinamentos do filósofo italiano Giorgio Agamben sobre o assunto serão aqui abordados.

VIDAS NUAS EM UM “ MUNDO À SOLTA”

Os trabalhos de Agamben ganharam notoriedade no cenário acadêmico, após a publicação, no ano de 1995, da primeira edição de *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*, que inicia o ciclo do seu projeto intelectual. Nesta obra, o escritor define o *homo sacer* como sendo o indivíduo que vê os seus direitos fundamentais retirados pelo soberano, que passa a ter arbítrio de vida e morte sobre ele, situando-o em uma zona de indiferença, de abandono completo. Além disso, “O *homo sacer* é, de fato, insacrificável e pode, todavia, ser morto por qualquer um” (AGAMBEN, 2010, p. 112). Tal ser, para Agamben, é uma verdadeira vida nua, sujeitada a um poder de morte, encontrando-se desprovida de tudo e, assim, caracterizável por dois traços: a “matabilidade” e a “insacrificabilidade”.

Essa vida sacra, sem direitos resguardados, vive no entre-lugar, um espaço que evidencia a sua absoluta exceção. Sem localidade, acaba por revelar o que nos aclara Walter Benjamin: “A tradição do oprimido nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é na verdade a regra geral” (BENJAMIN, 1994, p. 226). Portanto, encontra-se incluído por meio da exclusão. O que temos “[...] hoje diante dos olhos é, de fato, uma vida exposta como tal a uma violência sem precedentes, mas precisamente nas formas mais profanas e banais” (AGAMBEN, 2010, p. 113).

Agamben utiliza-se da distinção feita pelos gregos entre *zoé* e *bíos*, a fim de melhor explicitar em o que consistiria uma “vida nua”. O pensador ressalta, então, que ambos os termos nomeiam o que, atualmente, denominamos apenas “vida”; no entanto, *zoé* representava “[...] o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e *bíos* [...] indicava a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo” (AGAMBEN, 2010, p. 9).

A “vida nua” é vista pelo filósofo italiano como *zoé*, simples ato de viver, destituído de qualificação política. E, segundo o mesmo, a *politização* da “vida nua” foi o marco fundador da modernidade, enquanto categoria constituinte da estrutura política do Estado (AGAMBEN, 2010, p. 12). O que define um *homo sacer* é, todavia, a condição de viver uma exclusão dupla: religiosa e jurídica, e o fato de estar constantemente exposto à violência, já que pode ser morto sem que isso constitua homicídio ao autor do ato. Sendo assim, Agamben faz uso da figura do *homo sacer*, a fim de explicitar a ideia de “vida nua”.

Na referida figura do *homo sacer* encontramos, assim, a vida capturada pelo abandono, pois, ao ser decretado como *sacer*, o homem era despojado de todos os seus direitos, passando de pessoa humana para um simples animal, uma vida exposta ao poder soberano, uma existência que “Não sabe se vai escapar”, conforme podemos observar nos versos de “A fome fica” (sem transformá-los em ilustração simplista da conceituação de Agamben):

A FOME FICA

Acordar. A comida não dá.
 Andar, andar sem comer.
 O sol a pino e a visão ao redor
 se enroscam famintos.
 Não sabe se vai escapar:
 se falta alimento, falta até o ar.
 Mais tarde vai dormir, a morte dentro.

Um tambor oco bate no corpo
 um tombo, um soco só
 um filete.

Amanhã abre os olhos
 mas já foi despejado.
 No pátio, vazio, ficou
 sem móveis, o banheiro
 trancado, os canos sem água:
 os músculos nem se agarram
 aos ossos,
 os ossos podem até sobrar,
 mas isso é tudo.
 Não há mais.
 (FORTUNA, 2014, p. 67)

O poema “A fome fica” revela a imagem de uma exclusão generalizada, em que os indivíduos, pela via da miséria social, vivem um cotidiano de abandono, no qual “Amanhã abre os olhos / mas já foi despejado”, como se em um constante estado de exceção. A ideia da exceção, criada, originalmente, para servir como instrumento a ser usado nos momentos de crise, passa a remeter a algo que ocorre com frequência – e o texto de Fortuna capta uma das suas possíveis ocorrências. Logo, “[...] a exceção se torna em todos os lugares a regra, o espaço da vida nua, situado originariamente à margem do ordenamento [...]” (AGAMBEN, 2010, p. 16).

Ao seu modo, “A fome fica” enfoca a “vida nua” teorizada pelo pensador, a precariedade de um ser que “Não sabe se vai escapar: / se falta alimento, falta até o ar”. Os versos retratam uma vida de mínguas, onde “os ossos podem até sobrar, / mas isso é tudo. / Não há mais”. E, realmente, não há nem qualidade *política*, pois é uma mera vida, de seres que “se enroscam famintos”. Aqui notamos *zoé*, não *bíos*. Precariedade extrema, não direitos mínimos.

Sabe-se que, por força da sua configuração estética, uma obra de arte pode alcançar algum teor de universalidade. Ilustrando a carência máxima do ser humano, “A fome fica” revela o poder de, ao menos metonimicamente, representar todas as vidas nuas – e estas, conforme recorda Agamben, brotam nas democracias contemporâneas, na figura dos famintos, marginalizados, refugiados, ou seja, de todas as pessoas destituídas dos seus direitos jurídico-políticos – ou como bem argumenta Luís Eustáquio Soares:

Toda vida nua, portanto, nunca é ela mesma, isoladamente, seja porque se constitui como acúmulo de vidas nuas, de estados de exceção precedentes; seja porque, por consequência, a si mesma se inscreve como a contraparte do soberano igualmente acumulado de soberanias passadas (SOARES, 2014, p. 27-28).

Na lírica brasileira, um momento dramático de figuração do *homo sacer* (obviamente antes que o conceito fosse lançado por Agamben) aparece no poema “O bicho”, do livro *Belobelo*, de Manuel Bandeira:

O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.
(BANDEIRA, 1986, p. 179)

Aqui, como em “A fome fica”, há até um “pátio”. Este não é suficiente para revelar conexão intertextual entre os dois poemas, mas o detalhe de referencialidade urbana, presente em ambos, merece atenção comparativa. Retomemos, então, os versos dos dois poemas que explicitam o vocábulo: “No pátio, vazio, ficou/sem móveis, o banheiro” (FORTUNA) e “Vi ontem um bicho/Na imundície do pátio” (BANDEIRA).

Nos versos de Fortuna, o pátio, além de estar vazio, está sem “móveis”. Esse fato nos

chamou a atenção, pois o mobiliário tem forte referencialidade com o ambiente privado e individual. Mas estar na rua é o mesmo que estar desnudado. São espaços antagônicos. No aconchego do lar, do espaço privado, individual o ser tem sua identidade e ações validadas, como poder alimentar-se direito, dormir adequadamente e acordar seguro de estar em um lugar que é seu e o protege dos olhos da coletividade. Mas no poema de Fortuna o indivíduo “já foi despejado”, ou seja, por viver à margem da sociedade, estar literalmente na rua, encontra-se desprovido de seus direitos básicos como comer, dormir e acordar, por exemplo. As condições de vida, nesse caso, animalizam-no.

Antropomorfizado, ironicamente, não se assemelha nem a um cão nem a um gato. Isso pelo motivo, talvez, desses dois tipos de animais constituírem, de alguma forma, laços com o espaço privado e individual, uma vez que muitos fazem parte das famílias e das relações de carinho estabelecidas. Mas o bicho tampouco é um rato. Trata-se, então, de um animal totalmente insignificante, desprezível.

Desprovido de identidade, em meio à multidão e à “visão ao redor”, esse indivíduo é invisibilizado. Não sem motivo, a estranheza e o incômodo do eu lírico no poema de Bandeira, ao notar um “ser humano” procurando algum tipo de alimento no lixo, entre os “detritos”.

A arte literária de Fortuna e de Bandeira, ao explicitar a verossimilhança com o real, a predominância do cotidiano, a indignação com a realidade humana, a exclusão e o abandono, retrata a pobreza e a marginalização de muitos, na luta pela sobrevivência. Dessa forma, expõe a sociedade desigual em que vivemos, fazendo-nos refletir sobre ela.

Tais vidas, assim, ao serem privadas dos seus direitos, representam a exceção soberana, configurando o *homo sacer*, ou seja, um ser que apenas a partir da exceção consegue relacionar-se politicamente (o que é um modo de não se relacionar com um mínimo de sucesso). A vida nua é, desse modo, produzida por relações históricas em que o poder soberano “[...] decide sobre o estado de exceção”, como também tem ele a capacidade de “[...] decidir qual vida possa ser morta sem que se cometa homicídio [...]” (AGAMBEN, 2010, p. 138).

A presença da morte aqui, mesmo que não se saiba, é corriqueira, resultado do intenso poder que determina a sobrevivência, pois, “Na biopolítica moderna, soberano é aquele que decide sobre o valor ou sobre o desvalor da vida enquanto tal” (AGAMBEN, 2010, p. 138). A “matabilidade” e “insacriabilidade” são inerentes às vidas de todos os que insistirem em se fazer presentes portando tal condição de *homo sacer*. No texto a seguir, Fortuna capta mais um caso dessa condição:

MORRER NA RUA

O morador de rua
morre incandescente
na rua:
 há quem pretenda
 alternativamente
 enterrá-lo vivo
 nas areias de Ipanema
(festa de sol,
uma calma de verão).
O morador de rua
futura tocha
mas agora preso à margem:
 decanta na sarjeta
 encosta no poste escorrega
 se cobre com a calçada
 completa o meio-fio
é atingido em cheio
deambulante
pela pedra portuguesa
pelo paralelepípedo.
Nunca marcou, por ironia,
encontro na esquina:
se entorpece ao sol dos bueiros
pisa pleno nas grades
do cruzamento.
Outra forma de morar morrer
é dormir ao relento.
Mas o dia termina e tem pressa
de vê-lo passar
rumo a outra rua, menos aqui
aqui se paga imposto.

(FORTUNA, 2014, 15-16)

É fato: a lírica de Fortuna evidencia a despersonalização do indivíduo.

O ser humano é animalizado (como nos versos de Bandeira, antes citados). Adquire estatuto de bicho, de coisa, algo sem valor que pode ser facilmente descartado.

Imersa na indiferença existencial, essa metamorfose às avessas, retrata igualmente a ideia de “vida líquida”, problematizada por Zygmunt Bauman, ou seja, uma vida precária envolta em incertezas constantes.

Sendo assim, “A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo” (BAUMAN, 2007, p. 10). No lixo estão a “Morrer na rua”, como bem nos aclara Fortuna no seu poema, os “invisibilizados” pela sociedade de controle em que vivemos.

A morte em vida, outro mal da sociedade líquida, é exposta pelo poeta: “O morador de rua / morre incandescente / na rua: / há quem pretenda / alternativamente / enterrá-lo vivo / nas areias de Ipanema / [...] / Outra forma de ~~morar~~ morrer / é dormir ao relento”. Sendo, desse modo, “O morador de rua / futura tocha”. Um desprovido de voz pelo simples fato de não representar o paradigma desejado pela sociedade capitalista, que não se cansa de colocar ao rés do chão aquele que “[...] agora preso à margem: / decanta na sarjeta / encosta no poste escorrega / se cobre com a calçada / completa o meio fio”. Literalmente, ao nível da rua, o desvalido não tem como ser um homem de sucesso, como a sociedade, em sua liquidez, tanto almeja. Afinal, ele deve caminhar “[...] rumo a outra rua, menos aqui / aqui se paga imposto”. Neste derradeiro verso vemos uma referência *classicista*, assumida pelo eu lírico: as pessoas que pagam mais impostos pertencem, em geral, às classes médias e aos estratos dominantes do edifício social.

A prevalência da morte sobre a vida é destacada nos versos: “O morador de rua / morre incandescente”. Uma morte que ocorre, inclusive, em vida, do indivíduo que existe “[...] preso à margem: / decanta na sarjeta / encosta no poste escorrega / se cobre com a calçada / completa o meio-fio”, pois ele representa, por via da arte, todas as vidas nuas, aquelas em que o óbito é o elemento mais evidente, no contexto dessas vidas perenemente expostas ao desafio de sobreviver.

Eis, assim, mais uma representação da presença da morte, de certa condição humana (alegoria dos marginalizados), do próprio curso de vidas de mínguas. O morador de rua simboliza uma trajetória dura e seca de luta pela sobrevivência.

A linguagem utilizada pelo poeta traz à tona um panorama de vidas abandonadas, expostas ao acaso, vazias de sentido político, pertencentes a um mundo de indiferença. Nesse contexto, elas equivalem ao *homo sacer*, pois, desprovido dos meios de produção, ficam submetidas ao poder soberano (que pode ser o Estado moderno, mesmo uma prefeitura) – ou de quem pretenda “enterrá-lo vivo”. Isto porque o itinerário do morador de rua é uma verdadeira *via-crucis*. A batalha travada na luta pela sobrevivência, apresentada no poema “Morrer na rua”, explicita as desigualdades sociais, ao denunciar a realidade cruel vivenciada pelo seu morador, dado a ver no poema. Vejamos mais um trabalho em que a questão encontra eco:

OS MEUS RESPEITOS

Àquele que viu tudo
e por ter visto
tornou-se arquivo
não se esquivou
cravaram quinze tiros.

Àquela faxineira, andava
a pé, seguida
estuprada (blusa
curta decotada) dois rapazes
(um deles, mau hálito)
mas rumo ao trabalho
no mesmo horário.

Àquele bebê
pijama azul, menino
deitado no berço
chocalho ao lado
sem choro, sem vacina
ainda assim
bala perdida.

Àquele no ônibus
o jornal descreveu:
trabalhador, mas afoito
sem sentir o assalto
morreu no assento
no bolso uns trocados.

Àquele pedestre
passageiro sem hora
ponto fora da curva
agora defunto: atropelou-o

todo o coletivo
parador.

Àquele sem pressa
ao desapartar a briga
no meio da festa
facada:
a família o enterra
ou então o crema.
(FORTUNA, 2014, p. 13-14)

“Os meus respeitos” – outra composição de *O mundo à solta* – apresenta, pois, exemplos dramáticos de vidas desconsideradas, vidas nuas, como a da “[...] faxineira, [...] / a pé, seguida / estuprada [...]”, a do “[...] bebê / sem choro, sem vacina / ainda assim / bala perdida”, ou a daquele “trabalhador [...] / [que] morreu no assento”, ou mesmo a do “pedestre [...] / agora defunto: [...]” ou a daquele que “[...] sem pressa / ao desapartar a briga / no meio da festa / facada”.

As existências mencionadas nos versos de Fortuna simbolizam as que Agamben caracteriza como modelos de vidas nuas, pois são colocadas à margem, desprotegidas, supérfluas, expostas ao abandono e à morte que ocorre violentamente: “cravaram quinze tiros” ou “facada”.

Ao revelar os sintomas do empobrecimento e da dissolução das relações devido ao exercício do poder, Fortuna expõe a experiência coletiva potencialmente perigosa da era da liquidez, já que nela qualquer um pode ser liquidado: “Àquele bebê / pijama azul, menino / deitado no berço / chocalho ao lado / sem choro, sem vacina / ainda assim / bala perdida”. Este último detalhe tem famigerada relevância em diversos estados brasileiros, inclusive o Rio de Janeiro natal do autor.

Constituídos por relações de poder, os modos de pensar, de agir e de sentir do sujeito se efetivam vinculados em determinadas regras de controle, sem que haja certezas, tampouco segurança. Por esse motivo, as relações estabelecidas são líquidas e os indivíduos não podem firmar nada além de relações com essa liquidez.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os três poemas de *O mundo à solta*, analisados neste trabalho, revelam, de modo contundente, a saga das vidas nuas na atualidade, em um mundo que gira e gira e gira, mas não muda a rota, pois mantém o perene estado de exceção dos menos favorecidos. Claro, o movimento aqui assinalado pelo verbo não é apenas físico, de um corpo celeste no espaço, rodando em volta de si mesmo: trata-se, antes, de ressaltar como as coisas, as pessoas, “as vidas nuas”, os fatos estão postos, como tudo se repete. Seria um eterno rolar de Sísifo? O castigo da minoria, que paradoxalmente é maioria, é permanecer

em “eterno” em estado de exceção, ser “vida nua”? Significativamente, nenhuma das três composições consegue apresentar uma visão um pouco mais otimista dos eventos sociais do orbe em que habitamos. Para recordar tal aspecto, que *se repete* ao longo das páginas do livro discutido, relembremos os títulos dos poemas analisados: – “A fome fica”, “Morrer na rua” e “Os meus respeitos”. Acrescido a eles, outra tríade se apresenta ao longo do livro, todas com a mesma rotação, quer dizer, título: “O mundo gira”. A saber:

O MUNDO GIRA

Excomungados, banidos.
Escravos e deportados.
Refugiados, sumidos,
expulsos, expatriados.
(FORTUNA, 2014, p. 75)

O MUNDO GIRA

Aqui não pode: é exclusivo.
Favor não pisar na grama.
Vem para o gueto: pode passar
pela entrada de serviço.
(FORTUNA, 2014, p. 76)

O MUNDO GIRA

Os franceses, não. Tampouco os suíços
que, como os belgas, tão logo se livram.
Os ingleses escapam. Alemães
têm tudo o que precisam. [...]
(FORTUNA, 2014, p. 79)

Nesse girar, em relação aos três textos analisados e associados, agora com os três de títulos iguais, tão só destacaremos um pormenor: a possibilidade que, nas mãos dos artistas da palavra, os símbolos linguísticos têm de transformar-se em ícones, embora também verbais (PIGNATARI, 1987, p. 156). E isso se efetiva, neste estudo, não apenas pela existência de três poemas de Fortuna, mas de seis. Isso porque o “O mundo gira à solta”.

O autor urbano é impulsionado a escrever sobre algumas realidades responsáveis por uma ampla situação de reiteração de dados negativos, decorrentes das relações de poder de um mundo líquido, em que a produção da morte em massa das vidas nuas ocorre como um fruto das condições impostas pelo capitalismo, pelo controle e pela vigilância, enfim, pelo biopoder.

Impactado com o real em que vive e refletindo sobre os problemas planetários de um mundo que gira socialmente enlouquecido, além da preocupação com a dimensão estética do seu texto, Fortuna faz da sua lírica, pois, um cantar ético-político. Logo, uma literatura não “engajada” (panfletária), como ele mesmo afirma, mas, sim, política. Um poeta que, no girar do mundo, também se movimenta e nos coloca em rota de colisão com nossas verdades.

De encontro a muito do que acreditamos, o choque nos faz enxergar, nos poemas escolhidos para análise, a banalização tanto da vida quanto da morte dos “bichos”. Estes são desnudados, invisibilizados, esquecidos, ignorados, desprovidos de direitos de cidadania pelo sistema sócio-político das sociedades contemporâneas, no contexto urbano.

Nas cidades, lugares símbolo da marginalização social, as “vidas nuas” são barradas pelo filtro do mercado. No quadro de consumidores, em consonância com Bauman (2008), os menos favorecidos, por não se apresentarem como participantes ativos de condutas sociais adequadas, ou seja, não se submetem a si mesmos como mercadorias – estando na moda, por exemplo –, não são mostráveis, menos ainda expostos em “vitrines”.

As “vidas nuas”, os “cidadãos falhos” (BAUMAN, 2008, p.58), são deixados no lado oposto do filtro mercadológico: o do não consumidores. Encontram-se abaixo da linha da pobreza. São os “bichos”, os “moradores de rua”, os “excomungados, banidos, escravos e deportados, refugiados, sumidos, expulsos, expatriados” que, considerados seres torpes, são estigmatizados, devido ao fato de não serem participantes da “cultura”.

Essa indiferença permite somente uma passagem para esses indivíduos: a “entrada de serviços”. A absorção pelo filtro do mercado, desse modo, ocorre com muita intensidade apenas para os mais aptos e verdadeiramente autorizados a operar nele. Eis a banalização da vida do indivíduo moderno, o estado de exceção permanente, revelado nos poemas de Fortuna, explicitando o que usualmente é desconsiderado pela sociedade contemporânea: a consideração, a solicitude, a solidariedade, a empatia, a interdependência de todos os seres humanos.

Os poemas de Fortuna não são unicamente para o deleite do leitor. Eles convidam à análise do funcionamento das relações sociais, ao mostrar, sem adornos e sem clemência, os problemas reais e hodiernos das “vidas nuas”. Além disso, o leitor atento tem a possibilidade de aguçar o olhar e, quem sabe, ter seu momento epifânico: o resgate dos sentimentos humanos, do enxergar humanizado.

A poética de Fortuna, ao revelar a saga das “vidas nuas” em *O mundo à solta*, explicita o ponto de intervenção ofertado a nós leitores: o social. Imersos nos poemas podemos decifrá-los, aceitá-los ou não, mas, acima de tudo, nos transformar. Eles repercutem em nós. A arte de Fortuna permite-nos, estimulados por novas vivências, criar novos caminhos, configurar sentidos antes inexistentes. Enfim, nos possibilita entrar em contato com a vida, com a história da contemporaneidade e, o melhor, nos inquietar e desestruturar nossas bases, impostas pela sociedade que tanto nos aliena.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- ATHAYDE, Félix. "Ou vice-versa". *Jornal de Letras, Ano XXXVIII, no. 432, Suplemento Letras & Artes, Ano II, no. 13, dez. 1987*. Disponível em: <<http://www.felipefortuna.com/resenha-de-felix-de-athayde/>>. Acesso em: 20 janeiro. 2019.
- BANDEIRA, M. *Poesias completas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad., intr. e n. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ELIOT, T. S. *De poesia e poetas*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FRANCISCO, Severino. Poesia no caos globalizado – entrevista com Felipe Fortuna. In: *Correio Braziliense*. Suplemento Diversão & Arte, p. 8, quinta-feira, 30 de outubro de 2014.
- FORTUNA, Felipe. *O mundo à solta*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2014.
- PIGNATARI, Décio. *Semiótica e literatura*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- SANTIAGO, Silvano. "Apresentação de Silvano Santiago". Disponível em: <<http://www.felipefortuna.com/apresentacao-de-silvano-santiago/>>. Acesso em: 17 fev. 2017.
- SOARES, Luís Eustáquio. *A sociedade do controle integrado*. Vitória: Edufes, 2014.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.